

EQUIDADE

O PAPEL DA ESCOLA
NAS DESIGUALDADES
DE GÊNERO

1

>> Estereótipos prejudicam tanto meninos quanto meninas

2

>> Meninas negras são duplamente discriminadas pela questão racial e de gênero

3

>> Projetos sobre machismo ainda são pouco trabalhados nas escolas

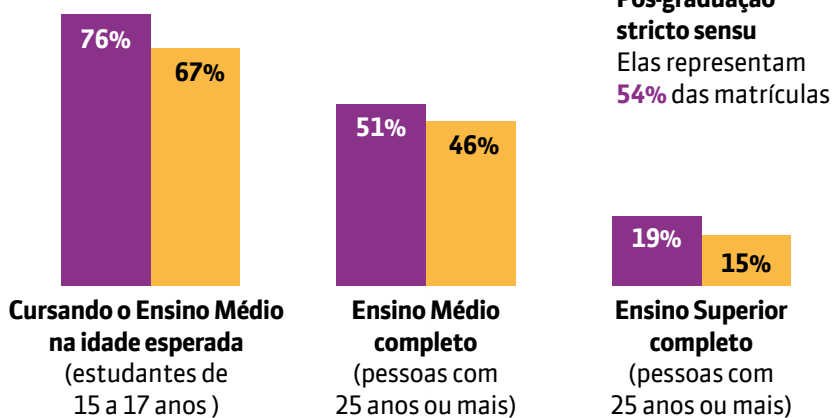
Em janeiro deste ano, um colégio da rede privada do Espírito Santo emitiu um comunicado aos pais informando sobre as regras de uso do uniforme escolar. Uma delas proibia o uso de bermudas pelas estudantes do 6º ano em diante - medida que gerou reclamações por parte das jovens e de suas famílias ao estabelecer regras distintas para meninos e meninas. Essa não foi a primeira vez que a questão do uniforme gerou polêmica nas escolas. Volta e meia, casos assim aparecem no noticiário e colocam em pauta o tema do machismo estrutural presente na sociedade.

O tratamento desigual destinado a eles e elas no ambiente escolar vai muito além das normas de vestimenta, podendo ter impacto sobre o desenvolvimento, as oportunidades e as perspectivas das estudantes. Conforme já abordado nas edições 7 e 39 do boletim Aprendizagem em Foco, diversos estudos apontam que os estereótipos de gênero e as expectativas de pais e professores em relação às crianças são determinantes no processo de apren-

DESIGUALDADE DE GÊNERO EM DADOS

Escolaridade

● Mulheres ● Homens

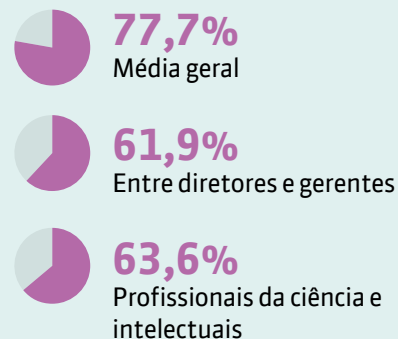


Fonte: Pnad Educação 2020 (IBGE), Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil 2020 (IBGE), pesquisa "Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil" (Fórum Brasileiro de Segurança Pública -2020).



Remuneração

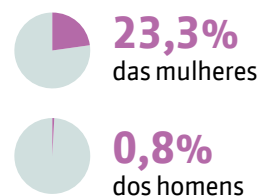
Valor pago às mulheres em relação aos homens (em 2019)



Cuidado

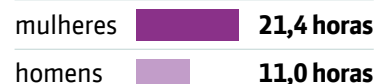
Jovens que deixaram os estudos para cuidar da casa ou de uma pessoa

Pessoas de 15 a 29 anos



Trabalhos domésticos

Horas semanais dedicadas aos cuidados de pessoas ou afazeres domésticos



Violência de gênero

Uma em cada quatro mulheres acima de 16 anos diz ter sofrido algum tipo de violência ou agressão no Brasil em 2020

dizagem, afetando negativamente, por exemplo, o desempenho das meninas em Matemática e, posteriormente, a presença delas em carreiras das áreas de Exatas e Tecnologia, que concentram as profissões de melhor remuneração.

De acordo com a pesquisa "Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil", divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2021, apenas 13,3% das matrículas de graduações em Computação e Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e 21,6% das pertencentes a cursos de engenharia e profissões correlatas são de mulheres. Por outro lado, elas representam metade das matrículas em áreas ligadas ao cuidado e bem-estar — que inclui o curso de serviço social (88,3%) —, saúde, com exceção de medicina, (77,3%), ciências sociais e comportamentais (70,4%) e educação (65,6%).

"A sociedade naturaliza posições de prestígio para os homens e limita a liberdade de escolha das pessoas. Homens também são impedidos de exercer sua sensibilidade e cuidado, como se eles fossem uma casca dura, tornando-os mais violentos. Mulheres são associadas à sensibilidade e, em alguns momentos, à fraqueza, limitando-as a pensar que não podem ser além do que mães, donas de casa ou profissionais de áreas relacionadas ao cuidado e/ou menos prestigiadas", explica Jaqueline Santos, consultora de equidade de raça e gênero no programa de educação e pesquisa do Geledés (organização que há mais de três décadas desenvolve ações de erradicação do racismo e sexismo na sociedade brasileira).

"Existe na sociedade toda uma cultura de opressão, de não reconhecimento das meninas e das mulheres, que vai se construindo e se reproduzindo em uma ambiência que é a familiar e a escola", afirma Amalia Fischer, coordenadora geral do Fundo Elas. "Essa cultura de dominação masculina ou patriarcal é uma realidade. Está demonstrada em pesquisas e por organismos internacionais como a ONU, o Banco Mundial etc", complementa. (Confira o quadro com dados da desigualdade de gênero).

Vale destacar ainda que os indicadores, quando observados com o recorte de raça, evidenciam que as meninas e mulheres negras são as mais prejudicadas, pois são duplamente discriminadas (pela questão de gênero e racial). “A realidade de todas as mulheres não é a mesma, se considerarmos que elas carregam diferentes posições com relação à raça/cor, ao território, à classe social, entre outros elementos”, observa Jaqueline. Para ilustrar, ela cita dados de 2020 do IBGE sobre renda média: a de homens brancos é R\$ 3.567,75, de mulheres brancas R\$ 2.767,83, de homens negros, R\$ 2.376,43 e de mulheres negras, R\$ 1.931,93.

PAPEL DA ESCOLA

Enquanto espaço de formação e reflexão, é fundamental que a escola atue no enfrentamento dessas desigualdades de gênero, contribuindo com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, em que meninas e meninos tenham as mesmas oportunidades e possam se desenvolver plenamente.

“A educação em gênero possibilita que meninas possam ir além dos papéis sociais que lhes são atribuídos, passando a ocupar espaços públicos e posições prestigiadas. Homens também passam a ter liberdade ao entender que o choro e a sensibilidade são características humanas, que podem expressar seus sentimentos, além de poder ocupar outros espaços sociais”, explica Jaqueline Santos. “A transformação do imaginário impacta as relações cotidianas e o funcionamento das instituições, o que implica mais oportunidades para as mulheres e redução das desigualdades”, complementa.

Amalia Fischer, do Fundo Elas, reforça a urgência de “fazer com que nessa educação se reconheça historicamente o valor das mulheres, o que elas têm feito para que a humanidade chegue até onde chegou, em todas as profissões. Existiram mulheres inventoras, cientistas, poetisas, escritoras, astronautas, matemáticas, astrofísicas – todas essas mulheres são uma possibilidade para que as meninas se vejam nelas”.

Apesar da relevância da questão, ela ainda é pouco abordada em sala de aula: segundo dados levantados pelo questionário do diretor respondido no último Saeb, apenas 17% dos gestores afirmaram contar em sua escola com projetos sobre a temática do machismo.

Em termos de gestão, Jaqueline chama atenção para a importância de a escola fazer um diagnóstico e “olhar para os indicadores educacionais a partir da perspectiva interseccional, cruzando gênero e raça, para entender a realidade dos grupos específicos e poder agir para reverter as desigualdades”.

NAS SALAS DE AULA

No município de Lagoa de São Francisco (PI), a U.E. Artur Gonçalves de Sousa, os professores Alex Mesquita, Marina Soares e Sueli Araújo elaboraram ações com o objetivo de enfatizar a contribuição feminina para a produção do conhecimento humano, promover uma discussão sobre temas como feminismo e violência contra a mulher e, ao mesmo tempo, desenvolver competências e habilidades nas áreas de Linguagens, Ciências Humanas e Ciências da Natureza e Matemática.



“A educação em gênero possibilita que meninas possam ir além dos papéis sociais que lhes são atribuídos, passando a ocupar espaços públicos e posições prestigiadas.”

Homens também passam a ter liberdade ao entender que o choro e a sensibilidade são características humanas, que podem expressar seus sentimentos, além de poder ocupar outros espaços sociais”

Jaqueline Santos, consultora de equidade de raça e gênero no programa de educação e pesquisa do Geledés

“Após o projeto, a realidade da escola se transformou. Não só os estudantes, mas toda a comunidade escolar obteve conhecimentos significativos, o que modificou o comportamento negativo de alguns em relação à figura feminina, tornando-os cidadãos mais conscientes. Além disso, a ação despertou a capacidade de liderança em alguns estudantes, promoveu a integração entre alunos e revelou talentos nas artes como pintura, música e teatro”, relatam os professores. O depoimento faz parte da publicação Práticas de Gestão Escolar 2019 | Piauí (disponível para download no [site](#) do Instituto Unibanco).

Em Goiás, no C.E. Silvio Gomes de Melo Filho, situado em Morrinhos, a diretora Vanessa Salomão, em conjunto com a coordenadora pedagógica Sandra Del Rios e os professores Kayan Silva, Jéssica Reis e Gean Rosa da Silva decidiram realizar um projeto com o objetivo de provocar reflexões sobre a figura feminina na sociedade, abordando questões como igualdade de direitos e violência de gênero e, assim, elevar a autoestima das estudantes e provar mudanças de atitudes por parte dos alunos em relação às mulheres.

A iniciativa, que contou com a participação dos estudantes na definição das ações a serem desenvolvidas, envolveu a realização de palestras relacionadas à temática, a realização de entrevistas pelos alunos com mulheres para saber como elas se sentiam representadas na sociedade e quais as dificuldades que enfrentavam somente pelo fato de serem mulheres, a produção de banners sobre os assuntos trabalhados e apresentações artísticas.

A equipe gestora e os docentes idealizadores do projeto destacam a melhoria da frequência dos alunos e o interesse despertado pela temática, além da elevação da autoestima feminina. “O trabalho provocou a conscientização sobre a importância do respeito às mulheres e estimulou o protagonismo estudantil, formando indivíduos multiplicadores de conhecimentos e de atitudes, por meio da promoção dos saberes adquiridos no ambiente escolar”, contam. O relato consta no Caderno de Boas Práticas de Gestão Escolar em Goiás | Jovem de Futuro 2018.



PARA SABER MAIS

- **Coleção Feminismos e educação escolar**, Observatório de Educação (2021): bit.ly/ColecaoFeminismos
- **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil – 2ª edição**, IBGE (2021): bit.ly/EstatisticasGenero
- **Planos de aula – Igualdade de gênero na educação básica, Gênero e Educação/ Ação Educativa**: bit.ly/PlanosAulaGenero
- **Pnad Educação 2019**, IBGE (2019): bit.ly/PnadEducacao2019

Aprendizagem em Foco é uma publicação quinzenal produzida pelo Instituto Unibanco. Tem como objetivo adensar as discussões sobre o contexto educacional brasileiro, a partir de pesquisas, estudos e experiências nacionais e internacionais.

Para fazer algum comentário, envie um e-mail para: instituto.unibanco@institutounibanco.org.br

Para ler as edições anteriores, acesse: bit.ly/aprendizagem-foco

Produção editorial: Redação Fabiana Hiromi; Edição Antônio Góis;

Projeto gráfico e diagramação Estúdio Kanno; **Edição de arte** Fernanda Aoki

